

O ESPELHO

Revista de literatura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARIO.— Idéas sobre theatros.— Romance, Amor de mãe.— Presbitas e myopes.— Os immortais, lenda.— Arolha.— Artes, Exposiçao.— Revista dos theatros.— Poesias, Socgea, coração! Qanto amor! Na taberna.— Chronica elegante.— Bulletins bibliographico.

cão immoral? Não é difícil assignalar a primeira, e talvez a unica que maiores effeitos tem produzido. Entre nós não ha iniciativa.

Não ha iniciativa, isto é, não ha mão poderosa que abra uma direcção aos espiritos; ha terreno, não ha semente; ha rebanho, não ha pastor; ha planetas, mas não ha centro de sistema.

A arte entre nós foi sempre orfa; adornou-se nos esforços impossíveis quasi, de alguns caracteres de ferro, mas, caminho certo, estrella em alvo, nunca os teve.

Assim basta apenas a boa vontade de um exame ligeiro sobre a nossa situação artística para reconhecer que estamos ainda na infancia moral; — o que ainda tateamos para darmos com a porta da adolescencia que parece escondida nas trevas do futuro.

A iniciativa em arte dramatica não se limita ao estreito círculo do tablado — vai além da rampa, vai ao povo. As platéas estão aqui perfeitamente educadas? A resposta é negativa:

Uma platéa avançada com um tablado balbuciante e errado é um anacronismo, uma impossibilidade. Ha uma interna relação entre uma e outro. Sophocles hoje faria rir ou enojaria as massas; e as platéas gregas patearião de boa vontade uma scena de Dumas ou Barrière.

A iniciativa pois deve ter em mira uma dupla educação. Demonstrar aos iniciados as verdades e as concepções da arte; e conduzir os espiritos fluctuantes e contrahidos da platéa á sphera dessas concepções e dessas verdades. Desta harmonia reciproca de direcções acontece que a platéa e o talento nunca se acham arredados no caminho da civilisação.

Aqui ha um completo deslocamento; a arte divorciou-se do publico. Ha entre a rampa e a platéa um vacuo immenso de que nem uma nem outra se apercebe.

A platéa ainda dominada pela impressão de uma atmosphera, dissipada hoje no verdadeiro

Ideas sobre o theatro.

I

A arte dramatica não é ainda entre nós um culto; as vocações definem-se e educação-se como um resultado accidental. As perspectivas do bello não são ainda o iman da scena; o fundo de uma posição importante ou de um emprego suave, é que para la impelle as tendencias balbuciantes. As exceções neste caso são tão raras, tão isoladas que não constituem um protesto contra a verdade absoluta da asserção.

Não sendo pois, a arte um culto, a idéa desapareceu do theatro e elle reduziu-se aos simples foros de uma secretaria de estado. Desceu para lá o *official* com todos os seus atavios; a pendula marcou a hora do trabalho, e o talento prendeu-se no monotono emprego de copiar as fórmas communs, sediças e fatigantes de um aviso sobre a regularidade da limpeza publica.

Ora, a expontaneidade pára onde o *official* começa; os talentos, em vêr se expandirem no largo das concepções infinitas limitarão-se á estrada indicada pelo resultado *real* e representativo das suadas fadigas de trinta dias. Prometheu atou-se ao Cauceso.

Daqui uma porção de paginas perdidas. As vocações viçosas e sympatheticas suffocarão debaixo da atmosphera de gelo que parece pesar como um sudario de morto sobre a tenda da arte. D'aqui o pouco oiro que havia lá vai quasi que desaparecido no meio da terra que preenche a ambula sagrada.

Serão desconhecidas as causas dessa prostitui-

mundo da arte, — não pôde sentir claramente as condições vitaes de uma nova esphera que parece encerrar o espírito moderno. Ora á arte tocava a exploração dos novos mares que se lhe apresentara no horizonte, assim como o abrir gradual, mas urgente dos olhos do publico. Uma iniciativa firme e fecunda é o elixir necessário á situação: um dedo que, grupando platea e tablado, folheie a ambos a grande biblia da arte moderna com todas as relações sociaes, é do que precisamos na actualidade.

Hoje não ha mais pretenções, creio eu, de methodizar uma luta de escola, e estabelecer a concurrencia de douis principios. E' claro ou é simples que a arte não pôde aberrar das condições actuaes da sociedade para perder-se no mundo labirinthico das abstrações. O theatro é para o povo o que o *Córo* era para o antigo theatro grego; uma iniciativa de moral e civilisação. Ora não se pôde moralisar factos de pura abstracção em proveito das sociedades; a arte não deve desvairar-se no doido infinito das concepções idéreas, mas identificar-se com o fundo das massa, copiar, acompanhar o povo em seus diferentes movimentos, nos varios modos e transformações da sua actividade.

Copiar a civilisação existente e addicionar-lhe uma particula, é uma das forças mais productivas com que conta a sociedade em sua marcha de progresso ascendente.

Assim os desvios de uma sociedade de transição lá vaõ passando e á arte moderna toca corrigil-a de todo. Querer levantar luta entre um principio falso decahido e uma idéa verdadeira que se levanta é encerrar nas grades de uma gaiola as verdades puras que se evidenciavam no cerebro de Salomon de Caus.

Estas apprehensões são tomadas de alto e constituem as bordas da cratera que é preciso entrar. Desçamos até as applicações locaes.

A arena da arte dramatica entre nós é tão limitada, que é difícil fazer applicações sem parecer assignalar factos, ou ferir individualidades. De resto, é de sobre individualidades e factos que irradiam os vicios ou as virtudes, e sobre elles assenta sempre a analyse. Todas as susceptibilidades, pois, são inconsequentes — a menos, que o erro ou a maledicencia modelem estas ligeiras apreciações.

A reforma da arte dramatica estendeu-se até nós e pareceu dominar definitivamente uma fracção da sociedade.

Mas isso é o resultado de um exforço isolado operando por um grupo de homens. Não tem accão larga sobre a sociedade. Esse exforço tem-se mantido e produzido os mais bellos efeitos inoculou em algumas arterias o sangue das nova

idéas, mas não o pôde ainda fazer relativamente a todo o corpo social.

Não ha aqui a iniciativa directa, e relacionada com todos os outros grupos de filhos da arte.

A sua accão sobre o povo limita-se á um circulo tão pequeno que difficilmente faria resvalar os novos dogmas em todas as direcções sociaes.

Fora dessa manifestação singular e isolada — ha algumas vocações que de bom grado acompanharia o movimento artístico de sorte a tomarem uma direcção mais de acordo com as opiniões do seculo. Mas são ainda vocações isoladas, manifestações impotentes. Tudo é abafado e se perde na grande massa.

Assignaladas e postas de parte estas crenças ainda cheias de fé, esse amor ainda santificado, o que resta? Os mercadores entraram no templo e lá foram pendurar as suas alfaias de fancaria. São os jesuitas da arte; os jesuitas expozeram o Christo por taboleta e curvaram-se sobre o balcão para absorver as fortunas. Os novos invasores fizeram o mesmo: a arte é a inscripção, com que parecem querer absorver e fortunas e seiva.

A arte dramatica tornou-se definitivamente uma carreira publica.

Dirigiram mal as tendencias e o povo. Dianto das vocações collocaram os horizontes de um futuro inglorio, e fizeram erer ás turbas que o theatro foi feito para passatempo. Aquellas e este tomaram caminho errado; e divorciaram-se na estrada da civilisação.

Deste mundo sem iniciativa nasceram o anachronismo, as anomalias, as contradições grotescas, as mascaradas, o marasmo. A musa do tablado dourdejou com os vestidos de arlequim — no meio das apupadas de uma multidão ebria.

E' um *flat* de reforma que precisa este cahos.

Ha mister de mão habil que ponha em accão, com proveito para a arte e para o paiz, as subvenções improductivas, empregadas na acquisição de individualidades parasitas.

Esta necessidade palpitante não entra nas vistas dos nossos governos. Limitam-se ao apoio material das subvenções e deixam entregue o theatro á mãos ou profanas ou maleficas.

O deleixo, as lutas internas, são o resultado lamentavel desses desvios da arte. Levantar um paradeiro a essa corrente despenhada de desvarios, é a obra dos governos e das iniciativas verdadeiramente dedicadas.

AMOR DE MÃE

ROMANCE ORIGINAL

POR

M. DE AZEVEDO.

(Continuação do n.º 2.)

CAPITULO III.

DEUS NÃO O PERMITIU!

Samuel Oscar tinha 48 anos de idade, era magro e alto. Os seus olhos eram de uma cor celeste carregada, a boca delicada, e o nariz afilado. A sua testa franzida, a cor do seu rosto crestada pelo sol, a saliência dos músculos da face, a barba comprida e branca, como os cabelos, davam ao seu semblante uns ares expressivos, que, se infundia respeito, atraía ao mesmo tempo as sympathias.

Dedicando toda a sua amizade a Marcellino, tinha sabido ser amigo desse homem, como Oreste fôra de Pylades. Desde a hora em que conheceu Alzira e a seu filho, não os abandonou mais; e como si isto não bastasse, tratava da pobre douda, como se fosse sua irmã, ou sua mãe, ao mesmo tempo prodigalizando com o pequeno Arthur todos os carinhos de que necessitavam as crianças; e esse homem honrado dizia sempre :

— Meu Deus, terci cumprido a minha palavra para com o meu amigo, ter-me-hei esquecido de alguma cousa recommendada por esse infeliz no momento de sua morte !

Dissemos que Samuel apresentava a barba e os cabelos brancos, tendo apenas 48 anos de idade. E como não devia ser assim !

Deixando sua casa, abandonando os comodos da vida, andava, todas as noites, pelos montes e pelas praias, como se fosse um peregrino, para vigiar, para proteger a pobre Alzira. E isso durante 16 annos !

Ah ! tanta dedicação, tanta amizade, tanto sacrifício, custa a encontrar-se em um homem !

Eram quatro horas da manhã ; Venus, a fulgurante estrela reflectia sua doce pallidez na superficie do mar; notava-se já sobre as montanhas alguma claridade do dia; os passaros faziam o seu gorgorio celeste: as flores perfumavam o zephio da manhã; enfim começava a aurora.

Samuel Oscar acompanhado de Arthur, subiu o outeiro da ermida, e sentou-se com o seu companheiro na porta da capella.

A douda olhando para o mar, estava sentada na borda do outeiro, cantando os seus versos, que então eram assim :

E' douda ! me diz o mundo,
Se pranto de sangue e dôr,
Rebenta dos olhos meus ;
E' douda ! com som profundo,
Responde o mar em furor,
Ai ! meu Deus !

Meu filho morreu no mar,
Das ondas saíu voando,
Foi ser anjinho dos céus ;
E eu, douda, devo penar.
Na vida sempre chorando,
Ai ! meu Deus !

Aquella estrella do céo,
Tão linda com tanta luz,
Lança em raios os raios seus ;
Se meu filhinho morreu,
A sua imagem reluz,
Ai, meu Deus !

E' douda, me diz o mundo,
Se pranto de sangue e dôr,
Rebenta dos olhos meus !
E' douda com som profundo,
Responde o mar em furor,
Ai, meu Deus !

— Ah ! quero fallar-lhe, disse Arthur levantando-se.

— Esperai, moço, ella ainda não nos viu ; quando se fôr retirando eu a chamarei então.

— Ah ! minha mãe, minha mãe !

Martha já tinha sabido que fôra frustrada a sua primeira tentativa contra a infeliz douda, e então augmentando cada dia o seu odio e ciúme pela infeliz Alzira, tratou de pôr em prática um outro plano de vingança mais ousado e terrível.

Retirando-se com a sua criada para o seu aposento, deixou, que toda a familia se entregasse ao sonno, para poder pôr em execução a sua malvada tentativa ; mas receando sahir de casa, por isso que a noite estava ainda bastante escura, esperou que raiasse a aurora, para se pôr então a caminho. Assim fez.

Chegando ao outeiro da capella, ordenou a sua criada, que ficasse ainda esperando, e ella, só, com a sua idéa de vingança, subiu o pequeno monte.

Ja dissemos onde estava então a douda, e tambem Samuel e Arthur.

Martha, como que cega e dominada unicamente pela idéa do crime, não viu nem o velho, nem Arthur ; entretanto este a conheceu logo, e levantando-se foi seguindo a moça.

Martha notando que a douda estava na borda do outeiro, riu-se, com um riso infernal, julgando talvez, que poderia executar facilmente o seu maldito projecto. Com efeito chegando onde estava ella a impelli para o mar. Arthur que acompanhara a moça, deu um salto tão rapido e ligeiro, que pôde chegar a tempo de suspender a sua pobre mãe pelos cabellos.

A infeliz Alzira, pelo susto que sofrera, desmaiou nos braços de Arthur.

Martha reconhecendo então o seu amante, e vendo a infeliz Alzira nos braços desse moço, encheu-se de tanto ciúme e desespero, que precipitou-se ao mar e desapareceu ao meio das ondas.

Samuel Oscar que presenciara toda essa cena, assim que viu Alzira salva, ajoelhou-se e agradeceu a Deus.

Arthur afflito e atonito, dizia no meio de lagrimas e soluções:

— Estará minha mãe morta?

O velho pondo a mão sobre o coração de Alzira, e encostando o seu ouvido á boca da infeliz mulher, exclamou.

— Não, não morreu, Deus não o permitiu!

Então o dia já estava completamente claro.

Alzira foi pouco a pouco recobrando os sentidos, e depois começou a chorar tanto que fazia dó!

— Ah! disse Samuel, agora está ella passando por uma crise, que talvez lhe seja favorável.

— Minha mãe, aqui está o vosso filho, o vosso Arthur.

E o pobre moço continuava também a chorar.

— Meu filho! disse a douda, não pode ser, meu filho morreu no mar.

— Não morreu, exclamou Samuel, eu o salvei, aqui está elle, olhai-o, é o retrato de Marcellino!

— De Marcellino! e quem disse esse nome?

— Eu, respondem o velho, eu que amei a Marcellino, como se fosse um meu irmão; eu que salvei das ondas o vosso filho!

— Mas, disse Alzira olhando para Arthur, meu filho era tão pequeno!

— Sim, mas já lá se foram 16 annos. Vós andaveis com o vosso filhinho pela praia, veio uma onda e o levou; eu precipitei-me ao mar, e o restituí á vida. Não vos lembrais? Já se passaram depois disso 16 annos!

— No pescoço de vosso filho encontrei um relicario, onde se continha uma oração que começava assim:

« Senhor meu Jesus Christo, Deus e homem verdadeiro, Creador e Redemptor meu » Não vos lembrais? Arthur, sabeis essa oração, repiti-a, Arthur.

Arthur ajoelhado começou a dizer a oração.

Alzira foi olhando para elle, e quando o moço acabou de pronunciar a ultima palavra, Alzira deu um grito e exclamou:

— Sim, é meu filho, é meu filho!

— Minha mãe!

E as lagrimas e os soloços de Alzira disseram então, o que as palavras não poderiam ter dito.

— Meu Deus, eu vos agradeço! disse Samuel Oscar, ajoelhando-se.

— E onde está Marcellino? exclamou Alzira; quero vel-o!

— Algum dia o vereis. E as lagrimas correram pelas faces de Samuel Oscar.

— Está cumprida a minha missão, Marcellino, exclamou Samuel olhando para o céo. Agora vos peço, Alzira, vos rogo, Arthur, que em vossa casa haja um canto para o velho Samuel, haja um pão para o seu alimento,

— Sim, meu bemfeitor, não nos abandonareis mais, vivereis connosco como se fosseis o nosso pai, o nosso melhor protector.

Alzira tomado o braço de seu filho foi se dirigindo para a ermida.

— Hoje que Deus me deu tanta felicidade, hoje que encontrei o meu filho, quero entrar nesta capella, e agradecer a Virgem e ao Todo Poderoso, o ter conservado minha vida até este dia.

— Sim, Arthur, entremos na ermida, disse Samuel Oscar, e vamos resar por um morto, por Marcellino, por vosso pai.

FIM.

Presbytas e Hypotes.

(DOCTRINA SOCIAL.)

Na ordem politica, como em toda a combinação de idéas ou de formas ha um ponto dado, uma base estabelecida onde repousa toda a harmonia, para a qual tendem e se inclinam as concepções e os cálculos.

Nos sistemas firmados pela experiência dos annos este centro de gravidade, este meio justo pôde ser quasi uma verdade, quasi o justo meio.

Nas práticas criadas e fortalecidas pelo simples apêgo ou aprehensão do espírito a uma idéa, essa base é quasi sempre um erro, um vício, uma utopia.

Seculos apóz o sonho de Platão, o socialismo defendido por intelligencias cultas ganhava adeptos na França!

E como não ser assim : embora a fé ardente
de Pelletan, as gerações succedem-se e degenerem;
o mundo regressa.

Na procura de illusorios bens, a humanida-
de devassa em vão o espaço vazio, e se con-
vence de que habita um globo; os do norte e
os do sul, os do oriente e os do occidente
encontram-se no mesmo ponto ao terminar de
longa pesquisa, de triste peregrinação.

Em todo o vacuo flores que não desbotam;
piryllamos de azas de ouro velocias como o
echo no mar.

E o olhar se afadiga em seguir essas galas
do ar — esse luxo do pensamento.

Dahi os presbytas ; dahi os myopes.

São os exploradores do bello, do bom e da
verdade.

Sonhadores a pé — elles queimam as pal-
pebras á luz do sol que os encanta.

E soffrem.

Então ; dorido o coração, mas ressecadas as
fibras, vence o appello á intelligencia, voltam-se
os braços á humanidade.

A sociedade move-se ; é mister ordenar sua
marcha, regular o seu movimento.

E mister a política.

Mão no peito e os olhos no futuro, os no-
vos argonautas tentam guiar a mão do es-
tado.

Mas que de escolhos alli surgem, que de
bancos, que de abrolhos no mar ; e o piloto
os não vê !

E que o piloto se enamora da bonança das
vagas, e canta, sorrindo, para os salgueiros da
margem.

E alli — mais ao longe — que de perigos não
estão, que de ameaças no mar !

Maos pilotos por certo os que assim navegam
sem prescuitar a distancia.

Quereis vel-os ? São os myopes.

Em vez desses eis outros de olhar fino, o
alcantil que alli surge ; a ilhota sub-marinha,
a vella a branquear no horizonte : tudo veem.

A elles a mão do estado.

Ei!-os no posto.

E mister lançar enfim sobre terra firme as
bases de uma cidade, as razões de um sys-
tema.

Mas que de elementos no porto, que de
seixos na praia, que de aptidão nessa area ; e o
piloto a não vê !

E que o piloto vê claro na vastidão do ho-
rizonte ; é que o pensamento vai bem nas re-

giões do ideal ; mas no positivo da vida, á face
do pavimento — tolda-se o olhar.

Entregai a salvação . do altos interesses a
esses viajantes do ar, e vereis como nau-
fragam.

Quem não os conhece ?

São os presbytas.

Enfermos da vista, foram homens de coração
que viveram longo tempo á luz unica das
crenças.

E hoje ao leme do estado gritam á gente de
bordo: ao largo !

Porque não dirão : ao infinito !

Só assim não mentiriam !

J. C.

1859.

Os immortaes.

(LENDAS.)

II.

O MARINHEIRO BATAVO.

A lenda do caçador de Harz, narrada ligei-
ramente na primeira pagina desta revista hof-
fmanica, é a lenda das montanhas; revella cla-
ramente o caracter do paiz das brumas, dos
montes e dos lagos.

A tradicão batava falla de um marinheiro
em suas phantasias de vida eterna. Aqui como
se vê a assertão se conserva. Aquelle caçador
das montanhas falla da Allemanha em traços
bem distintos. Cá é Hollanda, isto é, a rainha
do mar, o povo crestado ao sol do oceano;
vem um marinheiro. O caracter dos dous paí-
zes estão bem definidos ; e o povo sem querer
se revella com os seus atavios moraes, — com
a tradicão de seus costumes.

Vamos porém á lenda batava. Falla a tra-
dicão de um capitão de navio que emprehen-
dera uma viagem ás Indias orientaes — no al-
vorecer apenas do seculo XVII. Esta época tão
recente dá talvez um caracter de veracidade ao
mytho do povo; entretanto a narração conti-
nuada faz desaparecer do espirito essas apre-
hensiones de momento.

O capitão tomou sua tenda volante e foi
estrada do mar, caminho do empório oriental
que tanto agitava as cabeças do tempo. Era o
ponto para o qual convergiam então todos os
espiritos. Elle para lá caminhou agitado sobre

o dorso oscillante do mar, e levado pelas azas violentas dos furações marinhos.

Approximava-se do cabo tormentoso onde o mar parece abrir uma porta do inferno. Ahi levado pelas convulsões terríveis da agua embravecida, e pelo rebentar furioso da tempestade de naufragou. Só, sobre os destroços de seu navio, Mario do mar, sobre ruinas de uma Cartago ambulante, tentou com a pertinacia que caracterisa os filhos de sua patria, atravessar aquelle cabo tão celebrado nos versos de Camões. Debalde! quando elle se approximava do termo anciado um tufão violento arredava para traz, e elle de novo como Sisyphó lá ia rolar a pedra de uma intenção de ferro. Cem vezes o vento lhe burlava exforços mais que humanos. Não se aniquilou com isso. — Devo passar! e foi tentar de novo esse atravessar do cabo. Mas desta vez uma praga lhe entreabriu os labios. — Heide passar agora ou levarei aqui até á consummação dos tempos.

— Pois tenta, tenta até a consummação dos séculos.

Se era o Adamastor quem assim fallava não sei; mas a tradicção mais ortodoxa do que eu a esse respeito, deixa entrever de que era uma voz do céo que assim bradava, e não um aviso do mar.

Novo tufão arreou o pertinaz marinheiro; desde então erê o povo piedosamente que o capitão em questão lá está nessa labutação e que ahi ficará até á consummação dos séculos.

Falla-se mesmo que alguns navegantes têm encontrado nessa altura do mar — um navio fantasma dirigido por um homem, envolvidos ambos nas brumas de uma atmosphera pesada, caminhando em direcção do cabo para atraves-sal-o: — mas que um vento agita e sacode ambos para longe do desejado caminho. A physica tem mesmo querido explicar esse facto asseverado por testemunhas, com as leis dos reflexos — mas o povo ingenuo e sem fé das verdades, quer ao menos crer na fabula, e pouco apreço dá ás demonstrações scientificas.

Esta é a grande lenda do mar — que respira largamente um delírio de serão marinho na ammurada, alta noite. E o Sysipho moderno, o Sysipho do oceano modelado sobre a idéa robusta e simples da lenda antiga. Sobre o mar, diz tambem uma tradição árabe, anda Elias ou Enoch, um desses prophetas, mostrando e conduzindo os viandantes a Meca como o outro o faz em terra. A ser verdade o mytho oriental não é muito sólido o caminho escolhido pelo grande vulto das Escrituras.

E opulenta de pensamento e de relevo a len-

da batava, apezar de não ser original. Mas abise mostra o grande povo; não quiz a terra que é a immensidão, como diz lord Byron, quiz o mar que é o infinito.

7

M. A.

A rolha.

O inventor da *rolha* foi sem duvida alguma um homem de grande talento!

Que a *rolha* foi uma descoberta importante, isso é mais claro do que a luz de um lampião de gaz!

Como se poderia conservar o vinho generoso, o champagne, o licor forte, o óleo volátil, o perfume, a essencia, se não houvessem as *rolhas*?

A *rolha* é um objecto de grande serventia; emprega-se para tapar a pipa, a garrafa, o frasco, o vidro, e até a boca de muita gente boa!

Nas assembléas, nas reuniões, quando uma discussão infastia, ou quando se quer que o projecto, a lei, ou a idéa passe sem mais contenda e discursos, aparece sempre quem se offereça para pedir o encerramento da discussão, e ahi vem a *rolha*, e todos ficam em silêncio, e até este seu criado.

.... Mais mudo e quedo
Do que junto de um penedo outro penedo.

A *rolha* é o calmante poderoso das exacerbadas oratorias!

A *rolha* é a pedra Bet, que Marc Pole conta que existe nas montanhas da Nubia, e que tem a propriedade de tornar mudos todos aqueles que a encaram!

A *rolha* é um objecto de grande importância; as vezes dá sim ás maçadas e ás conversas longas como os discursos de Cicero.

Em certas discussões, que nos fazem roncar de sono, quanto não se aprecia o sujeito que faz o papel de *rolha*!

Ah! quanto não seria útil ter as vezes uma *rolha* para tapar a boca de certa gente, que falla tanto como a mulher de Socrates! Aposto com as minhas leitoras, que se este philoso-pho estivesse vivo me daria agora um apoiado!

Quando se vê um valdevino, um badameco, um ratão, um velhaco, um homem enfim com gestos de raposa, diz-se logo — que *rolha* vai alli!

A *rolha* é a obreia das discussões prolongadas e maçantes!

A rola é o remedio que cura o furor parlamentar, que emmudece os oradores, que acalma a tempestade das discussões: é o opio que entorpece a lingua, é o chloroformio da palavra!

M. DE AZEVEDO.

Artes.

EXPOSIÇÃO.

São sabidas as diversas ramificações que tem partido do sistema primitivo de reproduzir pela luz — sobre laminas. De todas essas ramificações, é incontestavelmente a photographia a mais aperfeiçoada, sem ter tido apezar disso grande desenvolvimento entre nós. Não entramos no exame das causas disso, assim como não procuraremos demonstrar aqui as vantagens do sistema photographico.

Uma exposição de trabalhos desse sistema pôde o publico encontrar na casa do Snr. Ber-nasconi; é obra do habil photographo o Snr. V. Frond. Nada de mais aprimorado lavor. O artista intelligente sabe dispôr as proporções do quadro, harmonizar o todo com intelligencia e cuidado.

Dos quadros expostos ha um que sobresai a todos: é a matta virgem. E' impossivel ir além.

Depois de alguns dias passados na floresta, o Snr. Frond deu-nos a sua admiravel matta com a harmonia caprixosa do *ensemble*, e com a perfeição dos atavios vegetaes da floresta. E' a reprodução photographica do artigo sobre mattas de Ch. Ribeyrolles.

Essas paysagens que hão de vir no album do *Brasil Pittoresco*, são uma pequena parte das que o Snr. Frond tem. Vimos bellas reproduções do nosso porto, e de varios pontos da cidade. O mar nas photographias do Snr. Frond é como a floresta: a verdade gravada.

O que se nota sobre tudo nessas photographias, ou mar ou floresta ou cidade, é, além do todo harmonioso, o concurso dos menores détalhes; nada escapa ao espelho photographico. O olhar do artista e o seu processo aperfeiçoado produzem esse notavel syntoma de um elevado grão atingido pela arte.

O Snr. Frond merece as sympathias do publico. Estabelecido aqui no Rio como photographo, em consequencia de sua proscripção, e depois de uma peregrinação penosa deixou um

dia os commodos de sua ocupação sedentaria, enrolou a sua tenda e partiu caminho do interior em busca de perspectivas. Tinha então em vista a obra que mais tarde encetou. Em sua excursão, sem contar os inconvenientes das estradas, molestia chronica e velha do nosso paiz, o Snr. Frond gastou sommas consideraveis; fundio dinheiro em photographias.

De volta com o seu trabalho e depois da publicação de douis admiraveis livros de Ch. Ribeyrolles, que constituem duas partes do texto da obra planejada pelo Snr. Frond — o artista merece, não uma protecção, mas um serviço reciproco do povo para quem consumio tempo, espathou uma fortuna e arruinou a saude.

— De seu talento certos estão aquelleis que o conhecem; os que o não conhecem, façam como nós, vão á exposição das photographias mais bellas que em nosso paiz se tem feito.

Revista de theatros.

Summario: — *GYMNASIO DRAMATICO*: — A honra de uma familia. — O actor. — Um lobo no mar. — Beneficio do Snr. Furtado. — Um paginador com pressa.

A semana que terminou deu-nos tres noites amaveis no querido Gymnasio. O pequeno theatro, o primeiro da capital, esteve effectivamente arraiado de novas galas e custosas louçanias.

E' um livro para escrever, e eu lembro aqui a qualquer pena em disponibilidade, *as noites do Gymnasio*.

Em sua vida laboriosa elle nos tem dado horas apraziveis, acontecimentos notaveis para a arte. Iniciou ao publico da capital, então suffocado na poeira do romantismo, a nova transformação da arte — que invadia então a esphera social.

Não faltaram desejos de levar á fogueira da expiação, esse novo Huss. Mas elle venceu porque levantava acima das vistas especulativas o dogma das concepções modernas.

Effectivamente marcou uma nova era na arte.

As creações fastidiosas de uma escola de transição cahiram então para essa pequena parte do publico. O resto que não se quis converter as maximas dos novos huguenotes e lá caminha embalado nas emoções fulminantes de uma peripécia de punhal....

Deus os tenha por lá.

Vamos porém ver — *A honra de uma familia*.

O theatro estava cheio na primeira noite, domingo. Os camarotes irradiavam com as bel-

lezas que mollemente se reclinavam lá — à espera da anciada representação. Como era intenso o calor — andavam os leques em continua agitação.

E' uma bella invenção o leque.

E' uma qualidade de mais que a arte consagrhou á mulher. Meu Deus! o que tem feito o leque no mundo! Muitos romances n'ha vida começam pelo leque, a tranquilidade de um esposo ou de um pai tem nascido muitas vezes do manjão calculado de um leque.

Mas tambem é uma arte o estudo de abrir e fechar este semi-círculo dos salões e dos theatros. Um bom physiologista conhece o caracter mais impenetravel pelo modo de agitar o leque. Sou realmente capaz de apostar, diz Mme. de Sevigné, que em todos os attractivos da mulher mais elegante e casquilha, não ha atavios de que ella possa tirar partido como o leque.

Esta opinião é de quem sabe; a interessante predilecta do rei Luiz, a estrella mais formosa das constellações de Versailles — lia de cadeira na materia em questão; para mim é então um oráculo.

Eram pois leques que se agitavam *em todos os sentidos* na pequena sala do Gymnasio.

Afinal ergue-se o panno.

Que drama, amavel leitora! pelas primeiras scenas de exposição conhece-se o dedo de mestre que delineara o quadro. Depois os cinco actos que decorrem são uma serie continuada de scenas, importantes todas, de um acabado completo, como accão, como dialogo, como estylo, como sentimento. Os caracteres do primeiro plano — estão desenhados com maestria e fineza de traços. São quatro figuras importantes que se movem no quadro largo daquella composição arrojada. A luta dos sentimentos e das conveniencias sociaes, tudo se encontra tão bem, tão perfeitamente se chocam, que a accão caminha sempre interessante desde a primeira scena até a ultima que é uma verdadeira chave de ouro.

As horas da noite couberam aos quatro artistas que se encarregaram desses papeis.

O Sr. Joaquim Augusto no desempenho do *cavalheiro de Maubreuil* tocou por vezes o sublime da arte. No quarto acto na scena com *Paulo* (o Sr. Furtado Coelho) maravilhou a platéa. Imagine a leitora uma situação espinhosa; — *Paulo*, que vem bater-se com o *cavalheiro* que ignora que é seu pai. Este homem de campo e de honra, desafiado publicamente, ve-se em torturas entre a voz das conveniencias sociaes e a voz do sangue que corre nas veias de *Paulo*. Pede-lhe uma desculpa. *Paulo* espanta-se de um acto apparentemente

cobarde. Que luta de paixões! O *cavalheiro*, como um ultimo favor, estende a mão a *Paulo*; como elle a aperta enlevado por essa emoção de pai, por esse sentimento revolucionario que agita ainda as mais secretas fibras! Deve ser bem doce; — deve ser, porque o autor desta revista está a esse respeito ainda na esphera das hypotheses.

O Sr. Heller, no papel de *Chennevières* revelou muito talento que andava encoberto quando errava lá pelas constellações do romantico. Este moço tem-se desenvolvido muito depois que se uniu ao Gymnasio; foi a pedra de toque de uma vocação larga. No drama de domingo, sobretudo, teve momentos bellos, scenas perfeitas.

Ha talvez ainda uns laivos de uma educação artistica viciosa; a falla resente-se de uma gravidade propria do romantismo. Mas esse deradeiro crepusculo de uma aurora mal despotada vai desmaiando; e o Sr. Heller tem-se mostrado um digno companheiro de seus novos collegas.

No terceiro e quarto acto tem scenas tão bellas, tão bem desempenhadas; ha tanto sentimento no dizer do papel de que se incumbiu, que o Sr. Heller conquistou um lugar de ora avante distinto na scena. Uma physionomia mobil — é ainda um merito que elle põe em execução com um resultado feliz. Não imitou, reproduziu a figura que lhe estava confiada.

A Sra. Gabriella é a mesma Sra. Gabriella — desse passado glorioso — que a cinge como uma aureola historica. Do lugar resplandecente que ocupa na arte nem a inveja, nem a estupidez de um povo de zoilos a farão descer. E' que o pedestal é sólido; são palmas e loureiros.

Elisa de Chennevières é uma nova pagina para a odysséa da artista; é uma das suas mais bellas estrophes. Nos lances, nas situações mais dramaticas da peça, o talento da grande artista elevou-se eloquentemente. Foi o seu *è pur si muove*.

No terceiro acto — á apparição subita de seu marido, esteve completamente sublime. — Foi um recuar ebrio, um abalo tão completo que arrebatou completamente as turbas. Toda a scena que se seguiu depois com o Sr. Heller foi cheia e altamente dramatica. Ninguem iria melhor do que aquelles doux artistas, eu vos asseguro, leitoras.

O Sr. Furtado Coelho, *Paulo de Chennevières*, pintou o caracter de que estava encarregado com expressão e verdade. Teve scenas de verdadeira expansão, no segundo acto sobretudo. O que se nota neste artista, é mais

que em outro qualquer é a naturalidade, o es-tudo mais completo da verdade artística. Ora, isto importa uma revolução; e eu estou sem-pre ao lado das reformas. Acabar de uma vez com essas modulações e posições estudadas que faz do actor um manequim hírto e empenado é uma missão de verdadeiro sentimento da arte. A época é de reformas, e a arte caminha par-a par com as sociedades.

A figura ingenua, fresca e delicada da menina de *Chennevières* foi posta em acção com muito talento pela Snra. Ludovina. E' um papel pequeno, está no segundo plano do quadro — mas com a luz que lhe deu uma intelligencia fina agrada completamente.

Não falei ainda do Snr. Martins, no desempenho de um carácter muito conhecido por esses salões. E' um fallador, um curioso — que em tudo se mette, que de tudo falla, e que dá sem dificuldade as honras de uma verdade líquida á hypothese mais inconsistente.

Effectivamente é elle a causa do desafio entre *Paulo e Maubreuil* — com as suas exclamações indiscretas de ciceroni de mão gosto. Mas, morto *Maubreui*, terminada a peça com a definitiva paz na familia *Chennevières*, a peça é tão moral, tão bem acabada que o leviano intrigador, que a final não tinha máo coração, vai entregar-se á justiça como autor da morte de *Maubreuil*. Bello traço realmente!

O drama é excellente por todas as faces, e um dos melhores do repertorio. A empreza dalo-ha muitas vezes ao publico, e peço aquellas de minhas leitoras que ainda o não viram que se appressem a isso.

A eomedia *um lobo no mar*, faz rir; é cheia de chiste e gosto e constitue um bello passatempo depois de uma concepção como é *A honra da familia*. O Snr. Graça sobretudo fez rir ás pédras e esteve artista. E' que pertence sob outra forma á vasta galeria dos *Homeros buffões* de que falla o poeta das *Contemplações*.

Houve tambem na terça feira uma poesia do Snr. Novaes, *O actor*, recitada pelo Snr. Mou-tinho, que o fez com graça e intelligencia.

E' forçoso concluir aqui, diz o paginador, entidade estranha ás minhas leitoras, que eu descreverei mais tarde se tiver tempo. Entretanto tinha que fallar do spectaculo-concerto de quinta-feira, em beneficio do Snr. Furtado Coelho, do Gymnasio.

Duas linhas descriptivas, porém, não vem perturbar os traballios typographicos.

O theatro estava cheio, camarotes e platéa. Na segunda ordem havia em cada camarote uma

chapa circundada em grinalda de louros, em cujo fundo azul estavam gravadas em letras douradas os personagens da criação do beneficiado. Os intervallos eram preenchidos de apanhados de folhas verdes cabindo em lindos festões.

Foi um spectaculo magnifico. O Snr. Furtado, foi coberto de aplausos, de flores e de coroas.

O desempenho do drama *Lutz* nada deixou a desejar. O autor do drama, o Snr. Ernesto Cibrão foi chamado á scena, e vistoriado plenamente. E' que entrou no theatro com o pé direito e uma chave de ouro.

Não posso dizer mais; falta-me espaço. Até domingo.

M-as.

Socega, coração!

Coração, por que te inquietas,
Porque te agitas assim?
Pois o meu fiel escravo
Se rebella contra mim?

Que mal te fiz, desgraçado,
Quando prudente fugia
De amor os fataes enredos
E minha alma em paz dormia?

Louco, que a prisão quebraste,
Prova o fel da desventura,
E já que a razão desprezas
Vença-te experiençia dura.

Coração, é bem modesto,
E' bem simples teu desejo,
Queres em retrato vivo
O anjo que em sonho eu vejo?

Cuidarás tu por ventura
Que aquelles negros cabellos,
Aquellos olhos celestes
Não ha mais senão querel-os?

Já te moveram as fibras
Voz mais doce, olhar mais casto?
Quem viste mais elegante
Sem pedrarias, sem fasto?

Já viste mais doce riso
Perolas trahir mais bellas?
Viste umas mãos tão finas,
Mas tão finas como aquellas?

Quando no mar agitado,
Fragil barco anda á ventura
Fugindo o pharol, seu guia,
O arraes o porto procura.

Se contra os parceis do mundo,
Não queres espedaçar-te,
Coração, evita a estrella,
Antes que chegue a cegar-te.

A dura pena de Tantalo
Não te exponhas a soffrer.
Já conheces teu destino
Vive quedo até morrer.

Quanto amor !

Amei-te ! do meu passado
Queimaste toda saudade
Mostrando-me a felicidade
A me acenar do porvir :
Mataste a doce lembrança
Porém me deste a esperança
Nas fallas do teu sorrir.

No dia em que te avistei
Eras pallida, tão bella,
Qual não fôra Graziella
Em suspiros desfinhando;
Tinhas nos olhos a cõr
Desbotada como a flor
Quando a calma a vai matando.

Mas eras linda assim mesmo !
Julguei-te Laura, Marilia,
Beatriz, Leonor, Cecilia,
Cada vez que te encontrava.
Quizera então ser Dircoo
P'ra dar-te do peito meu
O fogo que me queimava.

De um coração de poeta
Dava-te toda poesia,
Se fôra monarca, um dia,
Serias a minha Ignez,
Embora findo o delírio
Nos tormentasse o martyrio
Qua a desventura lhes fez.

Se fôra Deus — o astro rei
Por diadema te dera ;
Para throne te escolhera
Das estrelas a mais linda;
Do mundo apagando o véo
Dava-te o reino do céo,
O mundo dava-te ainda.

Mas, ai !.. que sómento tenho
Para dar-te o coração,
Dentro n'elle arde um volcão
De amor scintillam mil chamas,
Acolhe, virgem, por Deus,
O pranto dos olhos meus,
O fogo que tanto inflammas !

B.

Na taberna.

A' vezes quando eu scismo no passad ,
Nos meus dias de crença e de esperança
Pergunto a Deus: de que me serve a vida ?
Melhor me fôra falecer criança ! »

A minha mocidade passa esteril,
Já morre a primavera e chega o estio;
Ai de mim ! sou cadaver do que fôra
— Craneo sem fogo, coração vasio !

Vivi? — Passei na terra como um echo.
Uma vez, uma só, no meu caminho,
A virgem pensativa da minh'alma
Veio junto de mim fallar baixinho !

Era doce essa voz !.. Morreu ? — Quem sabe ?
Suspirava de amor ? — Não sei... quê importa ?
Murchas as flores de um futuro rico
Lamento agora a mocidade morta !

Pallida sombra, nas caladas horas
Mudo divago nos jardins queridos
Da minha fantasia — hoje desertos —
Mas em vez de canções ouço gemidos.

Morreste, coração ? oh! foi bem cedo,
Pobre louco de amor, a morte tua !
Nunca mais soltarás os teus suspiros
Nessas noites de Abril, a sós co'a lua.

As minhas illusões foram cahindo
Como os frutos do tronco que se esgalha,
Agora solitario tenho frio,
E tremendo me embrulho na mortalha.

Ouço um canto, mas triste, mas pausado,
Como um convite para patria nova...
Tateio a escuridão, caminho... caio...
Na pedra tropecei da minha cova !

Tão funda a sepultura !.. vou descendo...
A aurora nasee... vou dormir no leito,
Depois encontro uma mulher deitada,
Vestidos brancos — uma cruz ao peito.

Arreda-te, mulher ! filha do vicio
Erraste o teu caminho, é longe a estrada,
Diz : porque nesta noite de tormenta
Na minha cama vim te achar deitada ? —

— Não me toques — disse ella despertando,
Tremo de frio... ha muita neve fóra,
Nas trevas procurei este refugio,
Oh! não me mandes eu te peço, embora —

Mas a cama é p'ra mim, pois tu não sabes
Que esse leito, mulher, é o meu jazigo ?

— Eu sei, mas tenho frio, não te zangues...
A cama é larga — vem dormir comigo...

Sim, dormiremos, minha branca virgem,
Dá-me o teu labio, chega-me o teu seio...
Queima-me o sangue nos teus beijos mornos,
— Amor e morte — nos teus olhos leio.

Tremes, soluças!

Que diabo escrevi ? — Estou sonhando,
Ou vasia a botelha quer reforma?
Quando eu bebo cognac fico alegre,
Gaguejo os psalmos e estropio a Norma !

Quanta asneira que eu disse ! Prantos, beijos,
Vozes rouquenhas de alaude em lutos !

— Oh lá ! Roberto — maldito dorminhoco,
Traz mais vinho e vai buscar charutos !

C.

Chronica elegante.

A elegancia é o perfume do *toilette*; uma mulher elegante, ainda que não seja formosa, endiosa, captiva, seduz e mata, como disse o poeta. A elegancia deve pois ser estudada, cultivada, como se fôra uma planta ou uma flor : é ella a poesia do *toilette*.

Uma mulher elegante, sempre attrahe sympathias e muita vez torna-se amada, adorada, apezar mesmo de alguns defeitos; por que um vestido bem talhado, uma flor no cabello, uma luva de pellica, umas botinas de salto, sobretudo certos ademanes no andar, certa inflexão na voz, certo requebro no olhar, fazem-nos suppor um véo occultando o paraíso : — é a ilusão prostando-nos em um doce enlevo.

E quantas vezes os olhos dessa mulher não cintillam de colera, os seus pesinhos não ba-

tem com força no chão acompanhados de um aspero *não quero* ! Mas que nos importa isso, nos a vemos tal como se apresenta; nós a admiramos com os olhos da alma, pegamos-lhe nas mãosinhos com o sentido da imaginação e pouco se nos dá das formas que aquellas cassas occultam: olhamos para essa mulher poeticamente, porque a elegancia de tudo quanto nella se apresenta faz-nos acreditar tambem a poetisa do *toilette*.

Não se pense que a elegancia encerra-se no fasto, no luxo, na riqueza: uma mulher com seu vestido, simples nos adornos, com sua botina aristocratica, com o seu formoso chapéo, como os sabe arranjar Mme. Elisa Hagué, e respirando embriagadores perfumes de violeta, jasmin ou rosa, é capaz de seduzir os mais valentes leões dos nossos bailes.

Para tudo quanto de melhor ha em fazendas não faltam casas na rua do Ouvidor ; — *Notre Dame de Paris*, rivaliza com Gagelin Opigez de Paris; ha alli muita coisa boa e bonita, tanto em objectos de arte como de phantasia. A velhice mesmo, que é a inimiga mais desapiedada da moda, alli remoçaria vinte annos pelo menos.

E qual é a velha de nossos dias que não tem suas pretençõesinhos a conquistadora? quantas, apezar dos seus cabellos brancos, não conservam ainda um coração de vinte annos !

Para estas, ensino um meio de remoçar todos os encantos dos dias mais felizes da sua mocidade.

O Snr. Carlos Beaumelly, da rua do Ouvidor n. 110, tem certa preparação que desenruga e amacia a cutis, dando-lhe um colorido e avelludado admiraveis.

E alli que tambem se acha a agua Florida, maravilhosa descoberta que tem o poder de regenerar e fazer de novo crescerem os cabellos que os desgostos, as enfermidades, ou os annos tenham obrigado a cahir.

A elegancia, já vê a leitora que irradia-se por todos quantos ramos de industria ha : — accommoda-se em uma linda flor, como as sabe fazer Mme. Emilia, da rua dos Ourives, graciosamente collocada sobre a cabeça; desce pelo corpinho e saias do vestido e vai por ultimo mostrar-se no delicado pó da brasileirinha, que é um pé tão delicado que não conhece rival.

Com esses pesinhos só se entende Mme. Guilhelme, que é uma antiga fregueza de todas as nossas patricias do tom.

Isto que até aqui tenho dito refere-se unicamente a assumpto de *toilette*, porém ha alguma coisa mais em que a elegancia exsplendidamente se mostra, denotando o mais apura-

do gosto: dê-me a leitora o braço e vamos de passeio até o hotel dos *Freres Provençaux*.

Vê que lindo salão por ahí se estende com suas paredes talhadas e enriquecidas de espelhos, com sua profusão de luzes, as suas cortinas de cassa bordada, e sobretudo com o aceito raro de encontrar-se em casas dessas! Aqui não cabe o dito do nosso poeta

Por fóra muita farofa
Por dentro mulambo só :

não, o serviço ahí é todo baseado no aceito e promptidão.

Vê aquelles homens de casaca? não são hóspedes, não são freguezes, são caixeiros, e um caixeiro de casaca está vinte furos acima de um caixeiro de jaqueta.

E' ahí que se reune todo o mundo *fashionable*; todo o *dandysmo*, toda a aristocracia: os deputados e senadores (alguns já lá tenho visto), é ahí que gostam de proscar e de sumar o seu charutinho comprado no Neves; o estudante, o pretencioso farsola é também ahí que prefere comer no princípio do mez, para na occasião de fazer-se pagar, sacudir do bolso um maço de bilhetes de dous e cinco mil réis, com que julga poder atrair pelo menos um dos olhares da interessante brasileira, com quem é casado o proprietário daquele hotel.— *Vanitas, vanitatum, omnia vanitas!*

Já vê a leitora que as brasileiras vão invadindo também o domínio do bello, até então exercido exclusivamente pelas francesas: já podemos dizer que o primeiro hotel do Rio de Janeiro, hotel que nada terá a invejar aos de maior fama da Europa, é dirigido por uma brasileira.

Do hotel podíamos, eu e minha leitora, sempre de braço, ir até o theatro lyrico. E' ali onde mais vezes se apresenta o nosso mundo elegante, sempre cheio de seduções, sempre ebrio de encantos e de delícias.

O theatro lyrico é o theatro por excellencia aristocrático: o madamismo vaidoso é dos seus camarotes que ostenta as suas sedas, as suas galas, assoberbado com os admiradores que captiva, e deixa prostrados ao peso de tanta graça.

Muitos lá vão sem saberem, sem se importarem mesmo com a ordem dos espectáculos: é que os admiradores da arte naquelle theatro são mui poucos. A arte ali, se algum progresso tem feito, é isso devido á causas superiores e que não podemos neste curto espaço desinvolver, e não a qualquer esforço que em seu benefício se haja feito.

Mas, lembra-me agora que ia usurpando as atribuições do nosso cronista; tratar do regresso da arte, quando só deveríamos ocupar-nos do nosso mundo elegante, parece que não é muito próprio. E eu que ia tambem fallar do theatro de S. Pedro... Nada, decididamente faço aqui ponto, antes que a pena escreva alguma cousa que não deve,

Havemos de ir ao lyrico, amavel leitora, para admirarmos os bellos *toilettes*, as sedas de gosto, as cassas, os bareges lindissimos, com que alli se apresenta o nosso madamismo.

O que de bom houver admiraremos, assim como, não sei se diga?... assim como havemos de rir-nos de algumas figurinhas caricatas que tambem costumam repinar-se naquelles camarotes, ouvindo o que não entendem, fazendo o mesmo que muita gente boa, que aplaude porque vê os outros applaudirem, e que desaprovam por imitação.

Quizera ir sempre com a leitora ao theatro lyrico, mas já é tarde; ficará para outro dia.

Bulletim bibliographico.

Acaba de nos chegar de S. Paulo um volume de poesias, *Harmonias brasileiras*, cantos nacionaes, colligidos e publicados pelo Snr. A. J. Macedo Soares. É uma collecção de bellas composições de nossos poetas brasileiros, mas tudo puramente nacional.

O primeiro livro — *Harmonias íntimas* — são versos do coração applicados e vibrados ao som das cornetas da nossa terra e do murmurar das nossas florestas. O segundo — *Harmonias selvagens* — é a nossa natureza agreste em todas as faces silvestres e rudes das matas. O terceiro — *Harmonias históricas* — são as pequenas epopeas da nossa historia tão pequena ainda, mas tão fértil de acontecimentos, tão abalada de contrastes. O quarto — *Harmonias sertanejas* — é um resumo das scenas de estrada, das peripecias das tropas. O quinto — *Harmonias Africanas* — são duas composições pequenas: a vida dos Africanos escravizados. O ultimo livro — *Harmonias indianas* — são, o que o título indica, cantos, e lendas indigenas.

Ha lá bellos trechos que não podemos especificar neste quadro. Entretanto mais de espaço daremos algumas linhas a respeito.

Por agora recommendamos o livro aos nossos leitores.